

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA EM HANNAH ARENDT

Por Vilma Luzia Dolinski¹

Quando nos referimos ao fenômeno da violência a obra de Hannah Arendt oferece um excelente ponto de partida conforme atestam a maioria dos estudiosos



das mais diversas áreas como antropologia, sociologia ou psicologia que assim procedem. Para Arendt a violência é um instrumento e não um fim e sempre esteve e está presente na vida humana. Para ela os instrumentos da violência são mudos e fazem calar qualquer forma de diálogo, principalmente a persuasão que é a principal forma de linguagem nas relações humanas.

Arendt critica as pesquisas científicas que buscam “revolucionar o 'enigma' da agressividade humana” comparando-os com animais:

A fim de saber que os povos lutarão por sua pátria, não precisaríamos ter descoberto instintos de 'territorialismo grupal' em formigas, peixes e macacos, e a fim de aprender que a superpopulação resulta em irritação e agressividade, dificilmente precisaríamos tê-lo experimentado com ratos. Um dia passado nas favelas de qualquer grande cidade teria sido suficiente. (Arendt, 2009, p 77).

Para ela há um abismo entre os humanos e os animais que é a liberdade para começar algo novo que nos caracteriza. Nas palavras dela: “Nenhuma outra faculdade, a não ser a linguagem – e não a razão ou a consciência -, distingue-nos tão radicalmente de todas as espécies animais. Agir e começar não são o mesmo, mas são intimamente conexos”. (Arendt, 2009 p 102). A ciência tende a tratar a violência como natural porque não consegue perceber que não há nada de natural no ser humano. Os afetos como a raiva, não são nem causa e nem efeito da violência. Diz Arendt:

¹ Professora e coordenadora do setor de Filosofia do Colégio Estadual do paraná; Conselheira editorial da revista PAIDEIA.

Não há dúvida de que é possível criar condições sob as quais os homens são desumanizados – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome -, mas isso não significa que eles se tornem semelhantes a animais; e, sob tais condições, o mais claro indício da desumanização não são a raiva e a violência, mas a sua ausência conspícua. A raiva não é, de modo algum, uma reação automática à miséria e ao sofrimento; ninguém reage com raiva a uma doença incurável ou a um terremoto, ou, no que concerne ao assunto, as condições sociais que parecem imutáveis. A raiva aparece apenas quando há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas mas não são (Arendt, 2009 p 81).

Portanto, fazer o que cientistas fazem – inibir os afetos – não vai solucionar a agressividade humana. A medicalização das pessoas por razões de sentimentos exacerbados não contribuem para torná-las menos violentas. A violência para Arendt significa “agir sem argumentar, sem o discurso ou sem contar com as consequências”. (Arendt, 2009 p 82). A razão não é o oposto da emoção. Para raciocinar ou pensar é preciso estar sensibilizado. Razão e afeto caminham juntos. O problema é a “aparência de racionalidade” e ou hipocrisia. “Só podemos nos fiar nas palavras se estamos certos de que sua função é revelar e não esconder” (Arendt, 2009). Procurar desmascarar por meios violentos o hipócrita não é irracional. Porém usar de violência para atingir qualquer fim é perder a razão.

A violência coletiva destrói a individualidade, forma-se um grupo que une-se para enfrentar a morte, não por medo da morte, mas com intenção de vencê-la tornando-se imortal por realizar tal proeza. Diz Arendt que esse tipo de união é muito efêmera, acaba a batalha acaba o sentimento de irmandade.

É tradição na cultura ocidental equipar a vida com luta e violência. Dizemos que adolescentes são cheios de vida por isso são violentos. O que move o mundo é a violência que também é tida como sinônimo de criatividade. Por isso associou-se a violência ao poder político. Poder como sinônimo de expansão e crescimento exige sempre revoluções e mortes para renová-lo e fortalecê-lo. Esta noção de poder é extraída da vida orgânica ou natureza com a qual Arendt não concorda. Diz ela que “O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas também para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de

um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido” (Arendt, 2009 p 60). Por isso que dizer que alguém é poderoso não é apropriado. O que essa pessoa possui é vigor. Segundo Arendt :

O vigor, de modo inequívoco, designa algo no singular, uma entidade individual; é a propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas. Mesmo o vigor do indivíduo mais forte sempre pode ser sobrepujado pelos muitos, que não raro entrarão em acordo para nenhum outro propósito senão o de arruinar o vigor, precisamente por causa de sua independência peculiar. A hostilidade quase instintiva dos muitos contra o único tem sido sempre atribuída, de Platão a Nietzsche, ao ressentimento, à inveja dos fracos aos fortes, mas essa interpretação psicológica não atinge o alvo. É da natureza de um grupo e de seu poder voltar-se contra a independência, a propriedade do vigor individual.”(Arendt, 2009, p 61).

A partir do que demonstra Arendt podemos pensar nos casos de bullying como sendo o poder de muitos contra o vigor de um, quando este um recebe o apoio de professor/a fica como que empoderado e consegue enfrentar e superar a situação. O mesmo ocorre com as políticas públicas em favor das minorias.

Força significa a energia liberada por movimentos físicos ou sociais. Não é sinônimo de violência. Autoridade é conceito complexo e que diz respeito a pessoas ou cargos. “Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável daqueles q quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessários.” (Arendt, 2009 p 62) O que conserva a autoridade é o respeito. O que a destrói é o desprezo e a risada. É frequente encontrarmos a violência e poder juntos. Autoridade, poder e violência são coisas distintas. O poder se relaciona com o querer ou força de vontade inerente a pessoa. As possibilidades de realização do querer indicam os limites da liberdade.

BIBLIOGRAFIA

ARENDR, Hannah. Sobre a violência. Trad. André de M. Duarte. RJ. Civilização Brasileira, 2009